

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA – UFRB

CENTRO DE ARTES HUMANIDADES E LETRAS – CAHL

COLEGIADO DE SERVIÇO SOCIAL

COMUNICAÇÃO NOS MOVIMENTOS SOCIAIS: a rede social da internet como
possível mídia alternativa contra-hegemônica e democrática.

ANTONIO PAULO COSTA DA CRUZ

CACHOEIRA

2012

ANTONIO PAULO COSTA DA CRUZ

COMUNICAÇÃO NOS MOVIMENTOS SOCIAIS: a rede social da internet como
possível mídia alternativa contra-hegemônica e democrática

Trabalho de Conclusão de Curso sobre
orientação da Prof^a Dr^a. Valéria Noronha.

CACHOEIRA

2012

Ficha Catalográfica: Biblioteca Universitária de Cachoeira - CAHL/UFRB

C957c Cruz, Antonio Paulo Costa da

Comunicação nos movimentos sociais: a rede social como possível mídia alternativa contra-hegemônica e democrática / Antonio Paulo Costa da Cruz. – Cachoeira, 2012.
52 f. ; 22 cm.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Valéria dos Santos Noronha Miranda.
Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2012.

1. Mídia (Publicidade) - aspectos sociais. 2. Comunicação de massa - aspectos sociais. 3. Movimentos sociais. 4. Rede social.
I. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. II. Título.

CDD: 302.23

ANTONIO PAULO COSTA DA CRUZ

COMUNICAÇÃO NOS MOVIMENTOS SOCIAIS: a rede social da internet como
possível mídia alternativa contra-hegemônica e democrática

CACHOEIRA/BA, APROVADA EM ___/___/___.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Valéria dos Santos Noronha Miranda
UFRB
(Orientadora)

Prof. Ms. Luiz Henrique Sá da Nova
UFRB

Prof^ª. Ms. Sílvia Cristina Arantes de Souza
UFRB

AGRADECIMENTOS

Em primeiro gostaria de agradecer a Deus por chegar ao final desta etapa. Agradecer a toda minha família pelo apoio, em especial a minha mãe Mirian, que com muito amor e carinho me conduziu a este processo e me deu toda base necessária para que eu continuasse firme e forte no meu objetivo, agradecer ao meu pai Paulo também pelo apoio nesses anos na academia, ao meu tio Antonio Elias que foi peça fundamental nesses quatro anos, ao meu irmão Murillo pelas dicas acadêmicas e pelo apoio, a minha tia Raquel pela torcida e preocupação.

À professora Rosenária Ferraz que iniciou esse processo de estudos e orientação, à professora Valéria Noronha que topou o desafio de continuar o processo até o seu fim, à professora Silvia pelas considerações prestadas a este trabalho e por participar da banca do mesmo, ao professor Luiz Nova pelas aulas de comunicação nos movimentos sociais, que foi a inspiração para este trabalho, e também por aceitar a participar da banca. E a todos os demais professores que participaram do processo de formação.

Aos amigos que são parte fundamental nas nossas vidas, eles que formam um dos pilares para nossa caminhada e que estão presentes em todos os momentos. Aos colegas que participaram dessa etapa da vida, uns com mais intensidade e outros menos, mas se fizeram importantes nesse processo. Enfim, agradeço a todos que contribuíram direta e indiretamente a minha chegada até aqui, o meu muito obrigado.

RESUMO

Este estudo tem como proposta discutir a mídia alternativa contra-hegemônica para os movimentos sociais, de forma que estes possam divulgar suas bandeiras de luta de forma barata e democrática. A pesquisa se deu a partir da análise documental de conteúdos na internet relacionados à Rede Social dos principais movimentos sociais. Analisa a 'Questão Social' considerando as determinações históricas e sociais no contexto da sociedade capitalista e as lutas dos movimentos sociais. Ainda, apresenta uma discussão acerca do papel da grande mídia hegemônica no processo de criminalização dos movimentos e o projeto antagônico dessa mídia com relação aos interesses das camadas populares. E por fim, destaca os movimentos sociais que já utilizam a ferramenta - mídia alternativa apresentando desafios, perspectivas e possibilidades neste campo.

Palavras-chave: Mídia Alternativa; Grande Mídia; Movimentos Sociais, Hegemonia; Luta Contra-Hegemônica.

ABSTRACT

This study is proposed to discuss the alternative media to counter-hegemonic social movements, so that they can publicize their banners of struggle cheaply and democratic. The research was based on an analysis of documentary content on the Internet related to Social Networking major social movements. Analyzes the 'Social Issues' considering the historical and social determinations in the context of capitalist society and the struggles of social movements. It also presents a discussion about the role of mass media in the hegemonic process of criminalization of media and design this antagonistic relationship with the interests of the popular classes. And finally, highlights the social movements that already use the tool - alternative media presenting challenges, prospects and opportunities in this field.

Keywords: Alternative Media, Big Media, Social Movements, Hegemony, Counter-Hegemonic Struggle.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
MOVIMENTOS SOCIAIS NO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO.....	11
2.1 Questão Social no Capitalismo	11
2.2 Dos Movimentos Sociais Clássicos aos Novos Movimentos	17
2.2.1 Mediação entre Cultura e Hegemonia, o terreno de luta dos Movimentos Sociais.	22
A REDE SOCIAL NOS MOVIMENTOS SOCIAIS.	28
3.1 O surgimento da grande mídia e sua hegemonia	28
3.2 A Rede Social da internet como possível mídia contra-hegemônica, uma nova possibilidade de instrumento comunicacional	34
EXPERIÊNCIAS DA UTILIZAÇÃO DAS REDES SOCIAIS PELOS MOVIMENTOS SOCIAIS.....	40
4.1 Percurso Metodológico	40
4.2 Democratização da informação a partir da Rede Social	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	51

INTRODUÇÃO

Desde o tempo de militância no movimento estudantil, comecei a observar mais profundamente o que seria um movimento social e suas implicações na sociedade. Nesse processo de vivência dentro desse movimento social (um dos mais conhecidos) identifiquei também o processo de descaracterização sofrida pelos movimentos, a partir do que se veiculava na grande mídia e era reproduzido no senso comum. A partir daí, despertei para a necessidade de criação de mídias alternativas para os movimentos, pois se não é possível chegar à grande mídia para (des)construir o processo de criminalização dos movimentos sociais, uma estratégia seria a criação de um veículo de informações próprio, eficiente e barato.

Cada vez mais no Brasil, a internet vem tomando mais espaço, e com projetos do governo federal de incentivo a diminuição nos preços de serviços de internet e de produtos de telecomunicações, a internet vem nos últimos anos passando por um processo de “democratização”. Esta se tornou um serviço de comunicação poderoso, no final do século XX e cada vez mais no século XXI, é possível acessar a internet em diferentes aparelhos eletro-eletrônicos, a exemplo em celulares, e o recém-criado Tablet. Entretanto o grande veículo com acesso a internet, além do micro computador, é o celular, hoje é possível acessar a internet em um celular na faixa de preço de R\$ 100.

Nos anos 2000, explode o que hoje é a sensação do momento na internet, as Redes Sociais, essas que também podem ser acessadas de qualquer aparelho com acesso a internet, inclusive aquele celular supracitado. A rede social se tornou uma ferramenta de entretenimento à procura de empregos, passando pela captação das informações e socialização com amigos, familiares e conhecidos. É muito frequente hoje em dia, tablóides, jornais, revistas, possuírem perfis em redes sociais.

Apesar da crescente democratização da internet, a grande mídia televisionada ainda é o meio de informação mais acessado, devido a sua popularização e o custo de manutenção de um aparelho televisor em casa. A TV, o Rádio e o Jornal, formam uma espécie de “tripé” de sustentação com a finalidade de produção da informação à grande população. Os canais de informação são ligados às grandes famílias tradicionais no ramo, o que torna as informações selecionadas,

muitas vezes, manipuladas e mostrando apenas um lado da história sobre determinado fato.

No Brasil, assim como em outras partes do mundo, os interesses dos movimentos sociais vão contra aos interesses da grande mídia, que são ligadas geralmente a partidos da direita conservadora e do capital. Por este motivo, “não é de se espantar” as constantes distorções sobre determinados movimentos sociais, que são aqueles que se destacam, a exemplo do Movimento Sem Terra - MST, que tem como um dos objetivos a reforma agrária no Brasil.

A partir desse jogo de interesses, e se analisarmos quem está no poder da grande mídia, é quase que uma “energia desperdiçada” tentar tomá-la e assim democratizar os meios midiáticos e acabar com as distorções acerca dos movimentos populares. Essa energia pode ser redimensionada a uma nova mídia democrática e com ascensão constante, trata-se aí da mídia via internet. E com essa expansão da internet, vem com ela à expansão das Redes Sociais, que virou uma febre principalmente entre os jovens dessa geração.

Sendo assim, tratarei de discutir teoricamente, a luz de diversos autores, que teorizam sobre movimentos sociais e a comunicação destes, e a partir daí debater sobre apropriação desses espaços, que são as redes sociais, pelos movimentos sociais.

Outra contribuição interessante será lançar mão de uma questão ao Serviço Social. Essa questão poderá nortear um campo de debate no âmbito da profissão, o trabalho com multidisciplinaridade e interdisciplinaridade. Trazer esse instrumento para o seio da profissão, pensar novas possibilidades de intervenção a partir do meio técnico-científico-informacional, o estreitamento das redes e da intersectorialidade. Será que a Rede Social se constitui nessa nova possibilidade? É interessante esse novo instrumental técnico-operativo?

MOVIMENTOS SOCIAIS NO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO.

2.1 Questão Social no Capitalismo

Tivemos durante a história mundial, vários regimes econômicos, sendo que cada qual tinha uma característica marcante de exploração. Passamos pelo regime escravocrata, pelo regime feudal até chegar ao regime vigente, o capitalismo, e junto a esse regime surge a ideia de “direito”. Sendo que a característica marcante desse sistema é a “questão social”, neste condensa-se todas as mazelas provocadas por tal sistema, ao qual usurpa vários direitos da pessoa humana.

Entretanto para começarmos a entender o que são lutas sociais, é preciso identificar quem protagoniza essas lutas. O embate do Capital versus Trabalho no início da Primeira Revolução Industrial e a emergência do capitalismo surgiu uma “contradição” que a posteriori muitos autores conceituarão de “*questão social*”. A *questão social* é constituída a partir das mazelas causadas por esse embate, ou seja, tudo que se expressar a partir dessa contradição, é uma “expressão” da *questão social*, como bem salienta a autora Iamamoto,

A “questão social”, seu aparecimento, diz respeito diretamente à generalização do trabalho livre numa sociedade em que a escravidão marca profundamente seu passado recente. Trabalho livre que se generaliza em circunstâncias históricas nas quais a separação entre homens e meios de produção se dá em grande medida fora dos limites da formação econômico-social brasileira. Sem que se tenha realizado em seu interior a acumulação (primitiva) que lhe dá origem, característica que marcará profundamente seus desdobramentos. (IAMAMOTO, 2008a, p.125)

As relações de produção capitalista geraram diversas “enfermidades” à classe trabalhadora no período da Revolução industrial, as péssimas condições, as extensas horas de trabalho, eram umas das diversas expressões da questão social presentes naquele momento. Iamamoto (2008) chama a atenção para a exploração abusiva ao qual o trabalhador era/é submetido, pois apesar de estarmos em outro estágio do capitalismo, essas relações de dominação do capital se perpetuam e se aprofundam nos dias atuais.

Entretanto, as relações de dominação da mão de obra do trabalhador apresentam-se com outras facetas. Esse processo de alienação e dominação da força de trabalho faz parte do processo de acumulação financeira do sistema. “A esfera estrita das finanças, por si mesma, nada cria. Nutre-se da riqueza criada pelo investimento capitalista produtivo e pela mobilização da força de trabalho no seu âmbito...” (IAMAMOTO, 2008a, p.109).

O processo de acumulação financeiro está ligado diretamente à exploração da mão de obra, essa que agrava as desigualdades, pois como já vimos acima o mercado financeiro é financiado pelas relações do mundo do trabalho, sem esse investimento, o mercado financeiro não sobrevive. lamamoto (2008) salienta que os Estados Nações têm um papel também fundamental para o processo de acumulação financeira, pois é a partir das decisões políticas e suporte das políticas fiscais e monetárias, que alimentam as dívidas pública e o mercado acionário das empresas, estes que apoiam as finanças.

Se as relações de denominação e exploração da mão de obra se transformaram da Revolução Industrial até os dias atuais, e essas relações se modificaram a partir das lutas da classe trabalhadora, é passível pensar que esses processos rebateram sobre a *questão social*, ou seja, apesar da *questão social* em essência ser a mesma, existe novas configurações à mesma. Como salienta lamamoto (2008), a questão social está para além das expressões de pobreza e exclusão, é também a banalização do humano, agravando a alienação e a invisibilidade do trabalho social e quem o faz, essas relações se caracterizam em uma barbárie social.

As relações de dominação e exploração, e os rebatimentos da *questão social* não modificam só o mundo do trabalho, mas sim, modificam o homem e sua relação com o outro, que para a teórica já citada, a *questão social* manifesta a naturalização das desigualdades sociais, coloca as necessidades humanas em submissão. Dirige à apatia dos diferentes em grandes contingentes de mulheres e homens, isso fruto de uma pobreza historicamente produzida e não de uma pobreza naturalmente produzida.

Entender a *questão social* faz parte da montagem do “palco de luta” dos diversos movimentos sociais, é visualizar as contradições presentes na sociedade

capitalista. Os movimentos sociais não estão soltos no tempo no espaço, e múltiplas determinações irão agir sobre as estratégias de luta desses movimentos.

Para Netto (2005), o agravamento da *questão social* se dá no período transitório do capitalismo concorrencial para o capitalismo monopolista, é nesse estágio que se agrava as más condições de trabalho. Tem-se nesse estágio monopolista os surperlucros a partir da dedução da mais-valia, sendo que “o monopólio faz aumentar a taxa de afluência de trabalhadores ao exército de reserva” (Sweezy, 1977 apud Netto, 2005, p.21)

As relações de produção, as incidências na estrutura social, as relações de exploração, que são intensificadas, e até a relação do Estado no trato da questão social, são modificados nesse novo estágio do capital. Para o teórico supracitado, o Estado passa a dá apoio extra-econômico, ou seja, ele passa a garantir de outros meios os superlucros dos monopólios, o Estado assume múltiplas funções.

No estágio monopolista que as expressões da *questão social* tornam-se alvo de intervenção sistemática pelo Estado, segundo o teórico, a *questão social* é atacada por “políticas sociais”. Se no capitalismo concorrencial, a *questão social* era objeto da ação Estatal a partir do momento que havia o auge da mobilização sindical, e esta intervenção se dava para a manutenção do Estado Burguês, no capitalismo monopolista a intervenção do Estado se tornou instrumento que garante a reprodução das relações monopólicas, assegurando os lucros e condições externas, internas e sociais para a manutenção do capitalismo monopolista.

A “política social” aparece como forma de controle da força de trabalho segundo o autor já mencionado. Faz-se necessário entende-la nesse processo, já que essa estabelece uma relação com a manutenção do capitalismo monopolista, pois administra as expressões da “questão social” de forma a atender demandas de cunho monopólico, a pesar da “política social” não ter uma funcionalidade evidente às requisições do monopólio segundo o teórico.

Tratando-se da “política social”, segundo Behring e Boschetti (2008) não existe uma precisão na origem de iniciativas que podem ser denominadas de ‘política social’, pois elas se gestaram na confluência dos movimentos de ascensão do capitalismo com a Revolução Industrial, das lutas de classe e do desenvolvimento Estatal. Sua origem é relacionada aos movimentos de massa social-democratas e ao estabelecimento dos Estados-Nação na Europa ocidental do

século XIX, entretanto sua generalização se dá na passagem do capitalismo concorrencial para o monopolista.

Ainda segundo as autoras, a gênese da “questão social” tem haver com a forma com que os homens se organizaram para produzir num determinado momento histórico. De constituição das relações sociais capitalistas e que continua na esfera da reprodução social, salientando que quando se fala de produção e reprodução das relações sociais num determinado momento histórico, sendo a “questão social” uma inflexão desse processo, trata-se da produção e reprodução, movimentos indissociáveis na totalidade concreta, de condições de vida, de cultura e de produção da riqueza.

Importante salientar as lutas do movimento operário nesse processo de emergência da política social e no enfrentamento da “questão social”. Segundo as teóricas supracitadas, uma nova postura da classe trabalhadora com a sua organização e mobilização mudaram a natureza do Estado Liberal no final do século XIX. Pautado na emancipação da pessoa humana dentre outras questões, a classe trabalhadora conseguiu assegurar importantes conquistas nos direitos políticos e outra série de questões, com a generalização dos direitos políticos, este fato serviu para a ampliação dos direitos sociais, e mudar o papel do Estado no âmbito do capitalismo, no final do século XIX e início do século XX. Desta forma o surgimento das políticas sociais foi gradual e diferenciada entre os países, a depender dos movimentos e da organização da classe trabalhadora.

A exploração da força de trabalho no âmbito capitalista se deve pelo fato da mesma ser a única mercadoria a gerar mais e mais valor. O capitalista lucra a partir da mais-valia do trabalho, e não pelo valor de troca¹, ou seja, o lucro vem da produção excedente e não somente da venda do produto. A mais-valia se constitui em um dos instrumentos de alienação e exploração para a produção de valor e agregar lucros, pois “a produção capitalista não é apenas a produção de mercadorias, mas essencialmente de mais-valia, no qual trabalhador não produz para si, mas para o capital...” (IAMAMOTO, 2008b, p73). Resumindo, a mais-valia se constitui em um sobrevalor, um trabalho excedente não pago pelo capitalista.

¹ Na perspectiva Marxista, significa o valor financeiro do bem (material), difere-se do valor de uso, que é a serventia que aquele bem tem.

Entender a mais-valia é fundamental para entendermos os processos de exploração da mão de obra no sistema capitalista de produção. As relações antagônicas na *luta de classes* se intensificaram no dado momento da exploração exacerbada pela classe capitalista, sendo que, para lamamoto (2008) este processo se caracteriza numa pauperização que cresce em relação ao crescimento do capital. Não é uma pauperização absoluta, porém relativa ao acúmulo do capital, que influi por inteiro a vida da classe trabalhadora. A exploração também influirá nas questões de saúde, moradia, na corrosão moral e intelectual do sujeito trabalhador, sendo que o tempo livre do trabalhador é cada vez mais reduzido, sendo usurpado pelo capital nas horas a mais de trabalho, sendo assim transforma o cotidiano do trabalhador em uma vida sofrida e de luta pela sobrevivência. Na tentativa de redução da exploração, a classe trabalhadora conseguiu algumas vitórias parciais, mas significativas, como a redução da jornada de trabalho, o sindicalismo livre dentre outros.

Vale ressaltar que as lutas do movimento operário se deram ainda na época do capitalismo concorrencial, nas fases iniciais da intensificação da exploração pela classe capitalista. Podemos destacar como uma das grandes e mais significativas conquistas da classe trabalhadora, a redução da jornada de trabalho, junto com a legislação trabalhista, esses direitos são como um marco inicial das conquistas do movimento social.

A redução da extensiva hora de trabalho e conseqüentemente o aumento do tempo livre do trabalhador fora do âmbito fabril, talvez seja a conquista mais importante do movimento operário. Esse tempo livre do trabalhador significa um tempo a mais para a organização sindical, se antes seu tempo era praticamente na fábrica, sendo que não lhe restava tempo se quer para a família, com um tempo fixo de trabalho, é possível uma maior organização da vida pessoal e sindical. Entretanto, o sindicalismo livre e a legislação trabalhista conferem ao trabalhador uma maior segurança nas demais pautas de reivindicação.

Por tanto na ascensão do capitalismo, além das jornadas extensivas, em média onze horas, existiam outras expressões da 'questão social' latentes, como a exploração do trabalho infantil e a baixa remuneração. Segundo lamamoto (2008), as crianças e as mulheres eram submetidas ao mesmo ritmo de trabalho do homem, sendo que recebiam uma remuneração muito inferior. No âmbito fabril, eram sujeitos

à autoridade absoluta do capitalista, não tinham direito a descanso semanal remunerado, férias, licença para tratamento de saúde e nem qualquer direito a seguro trabalhista.

Vejamos aí, que antes das conquistas dos direitos trabalhistas, a venda da força de trabalho do proletariado era única e exclusivamente para sua subsistência e de sua família. O trabalhador era podado à vida social, suas forças, faculdades mentais e físicas eram destinadas ao trabalho fabril, no processo de exploração exacerbada da classe capitalista.

Como salienta a teórica, esse processo fez emergir a necessidade de organização social por parte a classe trabalhadora, as más condições de trabalho tornaram a organização do proletariado algo indispensável para sua defesa, essa organização também representará o único caminho possível de intervenção ativa na sociedade, dentre as várias formas de organização, destacam-se as Ligas Operárias, pois procuraram unir operários de diversas funções com o objetivo de lutar com interesses comuns. Esta forma de organização dará origem aos Sindicatos, que formarão a forma clássica de resistência operaria, agregando a parcela mais “evoluída” do movimento operário (Iamamoto, 2008).

A partir desse movimento de organização sindical, surgiram várias outras formas de organização em defesa dos direitos trabalhistas como, os Congressos Operários, Confederações Operárias e uma Imprensa operária, esta se destacada pela combatividade. Essas novas formas de organização são superiores as supracitadas. Vale destacar aí a mídia já presente nesse contexto, como um instrumento de luta do movimento operário, a disseminação das demandas e das bandeiras de luta do movimento faz agregar novos sindicalizados a partir do conhecimento da causa operária.

Esse crescimento dos sindicatos e das outras formas de organização operária faz crescer também as mobilizações para enfrentar as expressões da *questão social*, como salienta Iamamoto (2008), que a luta de reivindicação estará pautada no poder de aquisição dos salários, no tempo da jornada de trabalho, na anulação do trabalho infantil e regulamentação de menores e mulheres, seguros contra acidentes no trabalho, direito a férias, reconhecimento dos sindicatos e contrato coletivo. Os anos de 1920 serão marcados por várias greves e manifestações da

classe operária, sendo que no período que vai de 1917 a 1920, as intensas manifestações representará uma ameaça à classe burguesa.

Existe uma dualidade na exploração pela classe burguesa, é a partir dessa que os operários se organizam, ao mesmo tempo a exploração tenciona a desorganização enquanto Classe Trabalhadora. Essa organização dos operários implica que os mesmos sejam reconhecidos como classe social desprivilegiada pelo Estado, segunda a teórica acima citada.

As conquistas do movimento operário se deram por extensivas lutas, despertando a classe capitalista para o seguinte fato “a hegemonia burguesa não pode basear-se apenas na coerção, necessitando estabelecer mecanismos de integração e controle (IAMAMOTO, 2008a, p.132). As “preocupações” com o social pelo empresariado são recentes, e isso se deve as novas formas de exploração e controle ao movimento operário. Entretanto é importante salientar que as organizações trabalhistas se fizeram importantes para essa “tomada de consciência” pela classe capitalista, essas organizações sindicais forçaram a mudança de postura dos burgueses, que perceberam que seus meios de produção encontravam-se ameaçados.

2.2 Dos Movimentos Sociais Clássicos aos Novos Movimentos

Os movimentos sociais são divididos em basicamente duas categorias, os movimentos sociais clássicos e movimentos sociais contemporâneos, ou os ditos novos movimentos sociais. Como já exposto, os movimentos sociais surgiram em um cenário contraditório entre capital e trabalho, eis que surge o movimento operário, por este ser o primeiro movimento de organização civil a ser categorizado como movimento social, este é titulado de clássico.

Entretanto, naquele momento esse movimento coletivo não era tido como movimento social, pois essa definição é recente, e mesmo assim até os dias atuais não há uma definição única para o que venha a ser movimento social. Segundo Goss & Prudencio (2004), até o início do século XX, a definição de movimentos sociais, abrangia apenas a organização dos trabalhadores sindicalizados, entretanto com a delimitação desse campo de estudo pelas Ciências Sociais, a partir da

década de 1960, as classificações assumiram um amadurecimento teórico principalmente nas obras de Alain Touraine, entretanto apesar desse amadurecimento nos últimos anos, ainda não se há um consenso sobre o significado do que venha a ser um movimento social, este fato sinaliza que é preciso uma maior discussão sobre o termo, tendo em vista que este vem sendo usado de forma banal para classificar qualquer tipo de associação civil.

Todavia, se nem todo movimento em prol do coletivo é um movimento social, teremos que elucidar como reconhecer um movimento social. Para isso precisamos buscar uma possível definição do papel de um movimento social. Será que todo movimento social é operário? Existem outros movimentos que buscam melhorias coletivas que não seja só a partir da questão capital versus trabalho? Gohn (2008) apresenta uma das definições mais consensuais do que venha ser um movimento social, segundo a teórica este seria ações sociais coletivas de característica sociopolítico e cultural que dá a possibilidade de formas diversas à população se organizar e expressar suas demandas, adotando diferentes estratégias que podem ser denúncias, ou pressões diretas como: mobilizações, negociações, passeatas, atos de desobediência civil, marchas etc.

E com esse agir comunicativo salientado pela teórica supracitada, que discutiremos essa nova proposta de mídia alternativa para os movimentos sociais. Nos próximos capítulos trabalharemos sobre esse novo processo de interação e disseminação de ideias a partir da internet e das redes sociais. Mas antes disso precisamos fechar o ponto sobre o papel dos movimentos sociais nos dias atuais, na efervescência do capitalismo contemporâneo.

O capitalismo contemporâneo se constitui a partir de uma face neoliberal, este que prega a supremacia do mercado e a diminuição do Estado. Se para o neoliberalismo o mercado deve ter o maior privilégio, logo este deve regular o Estado, sendo assim os interesses da classe trabalhadora, que em grande medida é antagônico aos interesses do capital, são violados no cotidiano.

Dentro do contexto neoliberal fervem os novos movimentos sociais que lutam por diversas especificidades das camadas populares, que podem estar diretamente ligadas às mazelas da contradição capital versus trabalho, ou não. Downing (2002) trata de três modelos para explicar o que venham a serem esses Novos Movimentos Sociais.

O terceiro modelo vem do estudo sobre os chamados Novos Movimentos Sociais (NMSs), ou seja, os movimentos sociais ecológicos, feministas ou pacifistas. Alguns estudiosos sustentam que esses movimentos representam um novo estágio qualitativo na cultura política contemporânea, com características profundamente diferentes daquelas dos primeiros movimentos sociais, principalmente do movimento operário. (DOWNING, 2002, p.56)

Merece salientar que todos os movimentos sociais lutam dentro de uma sociedade demarcada pelo capitalismo, as relações de produção do capital estão presentes na relação do sujeito e suas demandas. A exemplo o movimento LGBTTT'S, que tem como bandeira de luta mais amplamente conhecida, a luta contra homofobia, lesbofobia, dentre outras questões entre esses temas, estes não estabelecem um vínculo direto com expressões da questão social, mas a luta contra o preconceito é demarcada na sociedade que vive a lógica do capital, ou seja, o capitalismo é como se fosse o “tempo e espaço” que vivemos.

Para entendermos esse espaço demarcado pelo capitalismo contemporâneo, e as lutas dos movimentos sociais nesse espaço, precisamos entender algumas categorias clássicas, pois são essas que influem diretamente nesse espaço. As categorias as quais precisamos entender como centrais para essa discussão são: a cultura e a hegemonia, entretanto analisaremos a partir da tradição marxista.

Entendendo que Antonio Gramsci (1979) foi o intérprete marxista que se dedicou a entender a categoria hegemonia, visualizaremos a seguir o que venha a ser hegemonia e cultura na lógica gramsciana. É preciso entender essas categorias dentro das lutas dos movimentos sociais, e os rebatimentos que essas têm no enfrentamento entre classes, no domínio da informação das grandes redes de comunicação para o processo da hegemonia.

É preciso salientar, apesar de, nem todo movimento social hoje lutar diretamente contra o capitalismo, os primeiros surgiram a partir dele. Ao passar dos anos as lutas foram se tornando mais específicas e com isso surgiu a necessidade de novos arranjos nas bandeiras de luta. Essas ramificações de vários movimentos não significam uma busca de uma luta isolada, mas sim, na busca da identidade daquele movimento e uma maior concentração de força naquela demanda específica.

Entretanto essas categorias não dão identidade ao movimento, ou seja, dizer se um movimento social é clássico ou contemporâneo não confere a ele um rótulo

na sua bandeira de luta. Esse processo é apenas para entendermos que com as especificidades nas lutas cotidianas, os movimentos sociais clássicos não deram conta de brigar por todas as demandas, até porque isso seria dividir a atenção com várias especificidades e não conseguir objetivá-las.

Todavia, Gohn (2010) chama atenção para a categoria identidade dentro do movimento social, salienta que a identidade tem sido tratada, por quem formula as políticas públicas e pelos analistas, como um instrumento de construção. Sendo que se trata de uma identidade modelada, nas quais determinados sujeitos sócio-políticos e culturais são mobilizados para serem incluídos.

Esse processo na busca pela identidade de ser compreendido, segundo a teórica, é a partir das buscas de suas necessidades e desejos, pois

[...] Um movimento social não assume ou “veste” uma identidade pré-construída apenas porque tem uma etnia, um gênero ou uma idade. Este ato configura uma política de identidade e não uma identidade política. O reconhecimento da identidade política se faz no processo de luta, perante a sociedade civil e política; não se trata de um reconhecimento outorgado, doado, uma inclusão de cima para baixo. (GOHN, 2010, p. 31-32)

Apesar de ramificações, podemos perceber que vários movimentos sociais trabalham em redes, a partir da lógica de “afinidades” de demandas, apesar de que no fim, quase todas as bandeiras de lutas da maioria dos movimentos sociais estão interligadas. Mas essa junção a partir das afinidades das bandeiras confere um novo status qualitativo na luta.

Essas percepções de se trabalhar na lógica de “afinidades”, se dão pela busca de forças coletivas em prol das demandas. Pois “olhares multifocais que contemplam raça, etnia, gênero, idade etc. passam a ser privilegiados. O sujeito coletivo se dilacera, fragmenta-se em múltiplos campos isolados. Sozinhos, estes múltiplos sujeitos não têm força coletiva, e o ponto de convergência entre eles é o próprio Estado” (GOHN, 2010, p.22).

A partir dessa análise, podemos dizer que quando uma demanda não é atendida, o problema pode está para além das crises do Estado e suas formas de Governo, e para além das crises cíclicas e a organização do capital. Poderá estar também na forma de organização da sociedade civil e na fragmentação dos

movimentos sociais. As junções, as articulações entre os movimentos se fazem de suma importância para o fortalecimento das lutas e para as conquistas.

Podemos elucidar como exemplo a afinidade do movimento operário com o movimento estudantil, estes que nos dias atuais cada vez mais se afinam, devido à entrada da classe trabalhadora na universidade, local posteriormente conferido à classe burguesa, e que em grande medida ainda é. Ou seja, lutar pelos interesses comuns dos estudantes é lutar de certa forma pelos interesses da classe trabalhadora, entendendo que esta aproximação não é uma regra.

Entretanto, é preciso entender que nem todos os movimentos sociais exercem ou podem exercer uma ligação. Para compreendermos melhor isso, Gohn subdivide os movimentos sociais em outras duas categoriais, os movimentos sociais conservadores e os movimentos sociais progressistas. Sobre os conservadores Gohn (2003) sinaliza que, não podemos desconsiderar que existem movimentos sociais conservadores, sendo muitos deles guiados por ideais de xenofobia nacionalista, religiosos, racistas entre outros, sendo que estes tipos não visam mudanças sociais emancipatórias e sim impor mudanças a partir de interesses particulares, se utilizando da violência como estratégia principal em suas ações.

Contudo, na “contra mão” desses movimentos conservadores, existem os movimentos progressistas, esses que buscam a transformação, a práxis transformadora, esses Gohn salienta que,

Os movimentos sociais progressistas atuam segundo uma agenda emancipatória, realizam diagnósticos sobre a realidade social e constroem propostas. Atuando em redes, articulam ações coletivas que agem como resistência à exclusão e lutam pela inclusão social. Eles constituem e desenvolvem o chamado *empowerment* de atores da sociedade civil organizada à medida que criam sujeitos sociais para essa atuação em rede. (GOHN, 2003, p.15)

Essa atuação em rede, salientada por Gohn é um ponto importante para começarmos a perceber do porque a Rede Social da Internet poderá se constituir em um novo instrumental comunicativo dos movimentos sociais nas lutas sociais no cotidiano. Entretanto antes de me ater a esse ponto, precisamos compreender os movimentos sociais clássicos e os contemporâneos.

Toda bandeira de luta de certa forma, é contemporânea, pois estas vão se dá a partir do tempo e espaço em que vivemos. As demandas da classe trabalhadora a

exemplo, não são tão somente as mesmas de outrora, com o avanço da sociedade capitalista surgiram novas e outras demandas se “recriaram”. Mas a essência do movimento da classe trabalhadora ainda é a mesma, e por isso lhe é conferido o status de movimento social clássico.

Os novos movimentos sociais - NMSs, como já exposto anteriormente, veio dá um cunho qualitativo às lutas sociais, foram esses que trouxeram à tona as necessidades de se lutar por outras especificidades que não eram tão somente provocadas pelo embate capital versus trabalhado. Downing (2002) frisa que, os NMSs visavam em grande medida, aos objetivos que são muito próximos a um crescimento de identidades pessoais em interação com a subcultura do movimento, estas questões que também em grande medida, impediam o Estado de conceder. Enquanto o movimento operário buscava obter ganhos econômicos específicos da classe capitalista, e pressionar o governo a adotar iniciativas políticas e legislativas, que segundo os líderes dos movimentos, seriam para beneficiar suas fileiras e colunas.

As redes se constituem como instrumentos de intervenção dos movimentos sociais, elas se tornam o elo entre os movimentos. Mas como salienta Gohn (2011), existem vários tipos de redes, dentre elas estão; a de sociabilidade (laços de amizades, família etc), a de governança, a de entidades (ONGs etc), a de temáticas específicas (Mulheres etc), as socioculturais (grupos étnicos, religiosos, etc), as geracionais (jovens, idosos), as históricas (memória de um líder, cantor famoso, etc). Essas redes possibilitam articulações com resultados relevantes para a sociedade civil.

Entretanto me ateei em uma rede social específica, pois como salienta a teórica, “A análise das redes requer metodologias específicas para captar a força sociocultural e política que condensam” (GOHN, 2003, p.15). A partir dos conceitos de Gohn, a rede social que me ateei é a da internet, ou virtual via *on line*, que inscreve a rede de associações comunitárias.

2.2.1 Mediação entre Cultura e Hegemonia, o terreno de luta dos Movimentos Sociais.

Dos movimentos clássicos aos contemporâneos, existem determinações e forças contraditórias a esses movimentos. Essas forças são opressoras, e influem de forma latente nas tentativas de desarticulação das organizações. Utilizam-se da hegemonia vigente e sempre pautado no statu-quo, essas forças antagônicas servem ao capital e seus aliados.

É preciso compreender que os movimentos sociais não estão soltos no espaço e no tempo, e que existem múltiplas determinações no cotidiano das lutas. Se não tivermos a visão de que existem forças antagônicas às bandeiras de luta, cairemos em um pensamento vulgar em afirmar que toda estratégia de luta dará certo.

Pensar em hegemonia é pensar em poder, em liderança, para isso é preciso entender na historicidade como se monta o poder e quem está nele. Sempre ouvimos falar que na história há aquele grupo que obtém o poder, a exemplo na antiguidade em Esparta o poder era do temido e bem treinado exército espartano, sendo que na antiguidade era comum os grandes exércitos serem hegemônicos.

Nos dias atuais vivemos no Capitalismo contemporâneo, na sociedade demarcada por classes sociais antagônicas, e interesses entre essas divergentes. De um lado a classe trabalhadora que abrange a maioria da população, e do outro a classe Burguesa, que apesar de ser a minoria populacional, esta detém o poder a partir da dominação ideológica e econômica.

No campo de dominação ideológica na manutenção do poder entra a grande mídia, esta que tem uma intencionalidade, não é despreendida de interesses e tão pouco imparcial. No Brasil a grande mídia é comandada por quatro grandes emissoras de televisão, são elas: Rede Globo, Rede Bandeirantes, Rede Record e o Sistema Brasileiro de Televisão – SBT, conhecidas como “canais abertos”.

Sobre a intencionalidade da mídia, Lino Resende² faz uma análise interessante para pensarmos sobre o papel da mídia, salienta que

As teorias evoluíram, mas a discussão sobre a influência da mídia permanece. Wolf, um dos mais aclamados teóricos da comunicação, afirma que os meios de comunicação são um dos mais poderosos instrumentos de construção da realidade. Desde que tiveram seu papel amplificado, sobretudo a partir da contemporaneidade, os mídia têm servido de espelho para que nos vejamos refletidos. São

² Jornalista, Professor Assistente na FAVI Instituto de Ensino Superior.

eles, como frisa Noelle-Newmann, que ditam o que falar, dizendo ao cidadão o que deve ser discutido e, até, como deve ser discutido. (RESENDE, 2006)

Para Gramsci (1979), a hegemonia não se apresenta só no campo ideológico, essa dominação está no campo teórico-prático, ou seja, na política. É preciso salientar que o campo filosófico se difere do campo político, para daí começarmos a entender o que venha a ser hegemonia na lógica gramsciana. A filosofia está preocupada na teorização, em pensar o mundo, a política é voltada à ação, na transformação do mundo e não apenas à interpretação, se constitui na unidade teoria e prática, isso a partir da perspectiva Marxista.

Começamos a partir daqui vislumbrar o terreno das lutas sociais, sendo que na realidade e no cotidiano as ações de dominação da classe Burguesa, não estão apenas no campo ideológico, e sim começa dele e ramifica-se para o campo político, o mundo das ações, as ações políticas de determinadas classes é que irá configurar o espaço das mesmas na sociedade.

Se a hegemonia começa a partir do campo ideológico, precisamos entender quem produz a ideologia. Na visão de Gramsci (1979), a manutenção da ideologia de determinada Classe, vem do Intelectual Orgânico, este se difere do Intelectual “tradicional”, sendo que, o Intelectual é aquele que obtém o mínimo de instrumentalidade possível para operar uma máquina, Lino Geraldo (2006) faz a seguinte ressalva para elucidar quem é o intelectual orgânico;

Quem é intelectual? O que são intelectuais orgânicos? Para se trabalhar com o conceito gramsciano de intelectual é essencial dar respostas às duas perguntas. No caso da primeira, o seu conceito é revolucionário, já que não reduziu o intelectual ao homem de letra, mas afirma que todos são intelectuais e o que os diferenciam é a função que exercem. [...] Orgânico, em síntese, é o intelectual que participa, que age, que ajuda na formulação de uma nova hegemonia ou se engaja na manutenção da hegemonia existente. De um lado e do outro, a organicidade vem do comprometimento, da participação, na formulação de ideia que ajudem na ação política, seja ela hegemônica ou contra-hegemônica. (RESENDE, 2006, p.6)

Desta forma é preciso entender que o trabalho do intelectual orgânico está no campo formulativo da ideologia, e se difere e contrapõe-se ao intelectual “tradicional”, para Resende o trabalho desse intelectual se propõe em uma nova

visão de mundo. Sendo assim, a disposição do intelectual orgânico estaria voltada a organização de uma cultura, para a consolidação e emersão de uma ideologia.

É preciso salientar que, o intelectual orgânico pode ser aquele que cria uma ideologia para a manutenção do statu-quo, ou aquele que cria uma nova ideologia para uma nova hegemonia, que seria a hegemonia da classe trabalhadora, como salienta Resende (2006), ao aproximar-se da sociedade civil, os intelectuais orgânicos passam a ter um papel contra-hegemônico, começam a trabalhar no sentido de construir uma nova hegemonia, sendo assim, passam a formar uma nova sociedade política.

Para elucidar essa passagem acima de Resende, o mesmo explica que, o Jornal “Posição”³ é da época da Ditadura Militar no Brasil, este jornal era produzido para “bater de frente” com os ditames dos militares. Este Jornal se constituiu numa mídia contra hegemônica, construído por intelectuais orgânicos dispostos a construção de uma nova ideologia para derrubar o regime vigente da época.

Vale apenas ressaltar que, na construção da hegemonia e contra-hegemonia, existem duas categorias importantes a serem consideradas, pois estas formam a base para a consolidação da hegemonia. Seria a ideologia e a cultura como já salientado anteriormente, consideramos que a ideologia seja o ponto inicial de construção de uma classe no poder, pois as ideologias também subsidiam o processo de construção da cultura.

Analisando pela lógica marxista, a ideologia está no campo filosófico, e a cultura no campo político. Sendo assim a “materialização” da ideologia seria a efetivação da política. A filosofia tem a pretensão de apenas pensar o mundo, de teorizá-lo, ficar no mundo das ideias, a política seria a transcendência do campo ideológico para a práxis, uma práxis transformadora. Podemos verificar isso nessa passagem de Luciano Gruppi (1991),

É claro o ponto de vista no qual Gramsci se coloca. Há uma relação estrutura-superestrutura ideológica. A estrutura determina a superestrutura e disso deriva a estreita conexão entre política e filosofia. A filosofia está na política. Momento máximo da política é a revolução, a criação de um novo Estado, de um novo poder e de uma nova sociedade. É por isso que Gramsci diz que a máxima

³ Segundo Lino Resende era um jornal de circulação no Espírito Santo, o único a cumprir um papel de resistência ao regime militar no estado, e o considera como um dos expoentes jornais contra-hegemônicos à época.

contribuição de Lênin à filosofia está na ditadura do proletariado, está na obra de transformação revolucionária. Essa estreita identidade de política e filosofia faz com que o momento culminante da filosofia seja a política transformadora, e que o filósofo seja o homem político como transformador. (GRUPPI, 1991, p.4)

A contra-hegemonia se dará com a hegemonia do proletariado, esta que é citada pelo teórico, como a ditadura do proletariado, ou seja, seria a quebra da hegemonia da classe burguesa. Essa hegemonia do proletariado estaria no campo da sociedade civil e a ditadura do proletariado no campo do Estado, como bem salienta Gruppi (1991), a hegemonia dá a capacidade de conquistar alianças, capacidade de fornecer uma base social ao estado proletariado.

Partindo ao campo teórico-prático, temos a cultura, nesta, permeia a filosofia e a política. Entendo a política de forma ampla, a política transformadora. Pensar o papel da cultura na contra hegemonia, a partir da análise gramsciana, é poder estabelecer a cultura com o científico, pois este tem uma íntima relação com a busca da verdade. Gramsci (1979) no seu escrito “Os Intelectuais e a Organização da Cultura” formula que, é preciso uma Cultura voltada para a “Formação Popular”, que seria a construção de um mecanismo para selecionar e desenvolver as capacidades individuais da “massa” popular, esta que hoje é sacrificada.

Faz-se necessário salientar, que na Rede Social da internet, se fazem presente aqueles que estão do lado da hegemonia vigente, e aqueles que buscam a hegemonia do proletariado. Pois como veremos mais à frente, a Rede Social da internet se constitui num espaço público, espaço público que é passível de embates de ideias. Entretanto este espaço não deve ser categorizado como hegemônico por conter nele a classe burguesa, pois esse espaço de mídia difere-se da mídia televisiva, a exemplo.

A mídia hegemônica burguesa se constitui em outro comitê executivo da classe capitalista além do Estado, analisando pelo viés marxista, como podemos perceber nessa passagem,

O que Gramsci teoriza, baseado na sua própria experiência de ação política, é que, em primeiro lugar, um jornal pode ser usado como um partido ampliado, buscando alargar a ação de conquista do poder mediante a construção de uma nova hegemonia e, portanto, da instalação de uma nova ideologia. Em segundo lugar, liga a ação do jornal à dos intelectuais orgânicos, chaves no processo de

estabelecimento de uma nova hegemonia ou na manutenção da existente. (RESENDE, 2006, p4-5)

Gramsci (1979) em seus escritos a todo tempo cita o Jornal, pois era a sua época o meio de mídia mais conhecido. Sendo que a proposição do mesmo para uma mídia alternativa era o próprio Jornal. Hoje a tomada da Mídia televisiva pelos Movimentos Sociais é algo que é impensável, pois é uma propriedade única e exclusiva da classe burguesa, sendo que essa propriedade é de difícil acesso. Os movimentos sociais trilham na busca da construção de sua própria mídia, da mídia alternativa.

A Criação de uma mídia televisiva de longo alcance pelos movimentos sociais é algo que está distante da realidade brasileira. Por isso, a busca por uma mídia alternativa barata, de fácil acesso e manutenção, se faz necessário para a instrumentalização dos movimentos. Mecanismos como a internet, rádios comunitárias, e até o próprio jornal, são os meios de mídia alternativa com maior alcance para os movimentos sociais.

Se a mídia em seu sentido amplo é um dos pilares da hegemonia burguesa, esta possui uma dualidade, pois se torna um instrumento de dominação e contra dominação hegemônica, é a partir dela que se dá o processo de contra ideologia, a exemplo do Jornal Posição da época da ditadura militar,

No caso do jornal Posição, estas vertentes estão claras. Tomando-se como base as entrevistas dos integrantes do jornal, eles adotaram uma posição política clara, de oposição ao regime e integraram correntes sociais que buscavam uma nova hegemonia, atuando como críticos, expondo problemas do regime e, exercendo as leis do discurso, dando ao que o jornal publicava um sentido contra-hegemônico. A base de tudo o que foi feito está, em relação ao momento histórico específico, na democracia, uma forma de governo, mas também um sistema ideológico que se contrapunha à política do regime, desenvolvida a partir das diretrizes da Doutrina de Segurança Nacional. (RESENDE, 2006. p 15)

Nesse processo é preciso entender que a ideologia a todo tempo se faz presente, ela influencia no campo político e no processo de contra hegemonia “no entender de Gramsci, tornar-se senso comum, entranhada no tecido social e criar uma nova concepção de mundo. Quando isso ocorre, tem-se uma nova hegemonia.” (RESENDE, 2006, p.15). Segundo o autor isso ocorreu no Brasil no fim da ditadura

Militar, o Jornal Posição e seus jornalistas participaram da construção de uma nova hegemonia, que acarretou na democratização do país. A mídia contra hegemônica se fez em um pilar essencial para a transformação societária naquele período.

A REDE SOCIAL NOS MOVIMENTOS SOCIAIS.

3.1 O surgimento da grande mídia e sua hegemonia

Para um melhor entendimento sobre a hegemonia da grande mídia no Brasil, é preciso buscar na historicidade como se construiu essa hegemonia. É preciso desvelar os elementos e fatos que constituíram a formação da mídia brasileira. A partir desse levantamento histórico teceremos algumas considerações sobre essa formação midiática e suas influências no cotidiano, mais precisamente nas lutas dos movimentos sociais.

O “marco zero” da mídia no Brasil é no período colonial, com a chegada da família Real no Brasil, sendo que esse período é recheado de transformações no Brasil após esse fato. Mais precisamente em 1808, com a inauguração da Imprensa Régia, após a oficialização da imprensa por D. João VI em um ato Real. Entretanto Fernando Lopes (2008) salienta que o surgimento da imprensa em nosso país, é anterior a esse Ato Real, segundo o teórico a imprensa surgiu mais precisamente no ano de 1706, em Pernambuco, depois em 1747 no Rio de Janeiro, e posteriormente em 1807, em Vila Rica - Minas Gerais. Entretanto essas tentativas de implantação da mídia foram sucumbidas pela Coroa Portuguesa, como forma de manter uma total dominação à sua colônia.

Nesta época já se adotava a censura prévia dos jornais, com isso os mesmos tinham pouco tempo de duração, a censura previa e atos punitivos só teve seu fim em 1821. Com o fim da censura, nasce no Brasil a imprensa livre e em consequência disso nascem vários jornais. Nesse período as publicações dos jornais eram no intuito de mobilizar a Colônia contra a dominação portuguesa, salienta Lopes (2008). Podemos a partir dessa informação, concluir que, desde esse período a mídia não era passível de imparcialidade, pois podemos perceber que

existia uma intencionalidade nos escritos dos Jornais, e não apenas o fator informativo.

Um dos meios de mídia que merecem destaque nesse período é o 'Diário Constitucional', que foi criado em Salvador – Bahia, esse foi o primeiro periódico produzido no Brasil a defender os interesses nacionais. Segundo o teórico já citado, esse diário defendia uma maioria na Junta provincial, que era composta majoritariamente por portugueses. O Diário conseguiu vencer a primeira campanha eleitoral da imprensa brasileira.

O fim da censura, entretanto não representou o fim da tentativa de manutenção da dominação da Corte portuguesa com a sua colônia, utilizando a imprensa. A cada jornal que era contra a dominação, surgiam outros contra a independência. Em 1822, com a independência do Brasil, surgiram jornais que faziam campanhas para a normatização da vida no império, pregavam a ordem e o respeito à constituição, salienta Lopes (2008).

Ainda de acordo com o teórico, após um mês da proclamação da República, a censura retorna, fazendo surgir vários jornais com características panfletarias e de linguagem violenta, apelavam até para as calúnias e difamações pessoais, esses jornais eram chamados de pasquins, e travavam uma guerra de palavras entre os libertários e os conservadores. Em 1827, a censura volta a ser extinta, e em 1837 a imprensa começou a utilizar a caricatura. Na metade do século 19, o império se consolida e a imprensa política, representada pelos pasquins, cai. Com a organização urbana, a imprensa reflete a transformação urbana da época. Surge o 'Jornal das Senhoras', em 1852, com sonetos, moda, e cartas de amor.

Esta época é marcada pela conciliação, e pelo esfriamento das lutas partidárias. Começava a prevalecer o jornalismo mais conservador, o leitor era atraído por folhetins, sendo que, se tinha a participação de escritores da época, como José de Alencar. Nesse período, começa a aumentar a imprensa abolicionista e nasciam os primeiros Jornais com ideais republicanos.

Segundo Lopes (2008), o jornal 'O Paiz', do Rio de Janeiro, fundado por Quintino Bocaiúva, tinha o intuito de destruir o regime monárquico. Já em 1885, surgia 'A Província de São Paulo', que se transformou em 'O Estado de São Paulo'. Nesta época existiam 74 jornais da imprensa republicana, 54 no sul e 20 no norte. No ano de 1891, nasceu o 'Jornal do Brasil', no Rio de Janeiro, este montado como

empresa que trouxe inovações como; distribuição em carroças e ampliação dos correspondentes estrangeiros. Ainda na Primeira República, emergiu a Associação Brasileira de Imprensa – ABI, que marcou a luta pela liberdade de imprensa. No final do século 19, a imprensa artesanal passou a ser substituída pela imprensa industrial. Já em 1900, tanto a República como a imprensa encontravam-se consolidadas, a imprensa transforma-se em empresa, o jornalismo feito de forma individual estava extinto. Entretanto, ao torna-se empresa, a imprensa fica sobre controle do Estado e do Capital.

No início dos anos de 1920, surge no Brasil um novo marco para a imprensa do país, o Rádio. Este faz aumentar o raio de acesso às informações divulgadas pela imprensa, sendo que segundo Vargas (2010) *apud* Ortiz (1995), o baixo índice de escolarização atingia aproximadamente 84% da população em 1840, 75% em 1920 e 57% da população em 1940. O rádio segundo o teórico teve um papel importante no país, se tornou um instrumento de propaganda oficial do governo durante o ‘Estado Novo’.

Enquanto que na década de 1920 o Brasil vivia sua experiência com o Rádio, na mesma década outros países já viviam suas experiências com a Televisão. Segundo Busetto 2007, países como a: Alemanha, Inglaterra, França, União Soviética e Estados Unidos, já operavam a TV de forma regular, estes países já despontavam devido a qualidade e a diversidade com as experiências com a TV.

Segundo o teórico, só em 4 de junho de 1939 a população brasileira, em específico a carioca, foi apresentada à TV. Os aparelhos necessários para a transmissão foram trazidos da Alemanha sobre o patrocínio do Departamento Nacional de Propaganda e Difusão Cultural, criado em 1934, vinculado ao Ministério da Justiça, departamento este que fora substituído em 1939 pelo Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP.

Para Busetto (2007), a chegada da TV no Rio de Janeiro, foi possível graças a questões tecnológicas e políticas no âmbito nacional e internacional. A Alemanha e Grã Bretanha foram países que despontaram nos avanços tecnológicos com a TV, contudo um dos marcos televisivo mais importante foi em 1936 com a transmissão ao - vivo das olimpíadas de Berlim, que foi transmitido para seis cidades com um público de mais de 160 mil pessoas, isso aconteceu graças os investimentos do Governo Nazista. O intuito desse investimento era obter um meio de propaganda

política mais eficaz do que o rádio, esse investimento ocorreu dentro e fora do país. Desde 1934 a Alemanha enviava aparelhagem para demonstrações públicas da TV em vários países, isso era uma estratégia de ampliação da influência ideológica e comercial pelo mundo.

Dentro dessa estratégia a Alemanha resolveu mandar aparelhagem para a exposição da TV no Brasil e na Argentina. Nesta época, havia uma disputa de influência na América do Sul entre os Estados Unidos e a Alemanha, em especial com o Brasil, que já tinha certo alinhamento ideológico com o Nazismo Alemão e o Fascismo de Mussolini, entretanto os Estados Unidos conseguiu durante um período abalar essa relação entre Rio de Janeiro e Berlim. Entretanto a Alemanha conseguiu reverter a situação com a oferta de mimos, que entre eles estava a TV.

Podemos dizer que a Propaganda Política nos moldes que temos hoje, não nasceu pós TV e sim pré TV. O lançamento da TV foi um grande Marketing político do 'Estado Novo' de Vargas. O 'Estado Novo' também é marcado com a volta da censura, a imprensa passa ser regulada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda - DIP, sendo que ocorreram várias censuras à mídia escrita e ao rádio sobre considerações à TV.

Ainda de acordo com o teórico, um grande incentivador e apoiador tanto da televisão quando do 'Estado Novo', foi Roberto Marinho dono do jornal 'O Globo'. Marinho tinha um bom trânsito entre o alto escalão estadonovista, também tinha relações pessoais, muitas vezes conturbadas, com Lourival Fontes dono da Rádio Tupi, que tinha duas emissoras, uma em São Paulo e uma no Rio de Janeiro. Assis Chateaubriand, magnata do meio jornalístico, também foi um apoiador do 'Estado Novo', apesar de não ter apoiado e feito oposição a Vargas no golpe de 1937, Assis também foi um dos colaboradores diretos na implantação da TV no Brasil.

Um jornal chamado 'Correio da manhã', conseguiu driblar a censura e lançar notas sobre o uso da TV. As notas tinham um intuito de alertar sobre a manipulação da parte inculta e ingênua da população a partir do uso da TV, entretanto só era possível perceber esse alerta com uma leitura atenta e com muitas interpretações devido à censura.

Segundo Miguel (2000) na construção do império de Assis Chateaubriand com os seus 'Diários Associados' na década de 1920, foi visto por líderes políticos da época, a exemplo do então deputado Getúlio Vargas, como uma ferramenta de

união nacional. Com o lançamento do primeiro telejornal a ser transmitido simultaneamente de norte a sul do país, o 'Jornal Nacional', esse projeto de união nacional está quase concluído. O autor considera dois pontos cruciais para o rápido crescimento da mídia no país, a criação dos 'Diários Associados' que tem início nos anos de 1920 e atinge seu ápice nos anos de 1950, e a criação da Rede Globo após o golpe de 1964.

Segundo o documentário feito pela BBC de Londres, produzido por Simon Hartog em 1993, salienta que a Rede Globo se orgulha pelo fato de apenas 3 TV's norte americanas serem maiores que ela, mas certamente nenhuma delas com o mesmo poder. O poder da Globo é diariamente reforçado por belas imagens e por uma ostentação excessiva de sua identidade na transmissão, a exemplo como uso de jargões como "Globo e você, tudo a ver".

Em depoimentos nesse documentário, Leonel Brizola diz que o Roberto Marinho era uma espécie de Stalin das Comunicações no Brasil, e quem não concordava com ele, o mesmo mandava para a Sibéria, a Sibéria do gelo e do esquecimento. Já em outro depoimento de Chico Buarque de Holanda, diz que Roberto Marinho se constituiu na força política mais importante na época em que foi produzido o documentário, nada se fazia sem antes consultar o Marinho.

Em 1993, mais de 25% dos adultos brasileiros não sabiam ler e escrever, e outros tantos eram semi-analfabetos, os Jornais eram caros e nenhum era nacional, mas a televisão já atingia um público de mais de 100 milhões de pessoas. Nessa época já havia mais de 200 canais de Tv locais além de alguns canais educativos públicos, todos eram particulares, e mostravam programas em uma das quatro emissoras nacionais. A Bandeirantes de João Saad concentrava-se em esportes e era a menor, a Manchete de Adolfo Bloch e o SBT de Sílvio Santos competiam em segundo lugar, mas a Globo de Marinho é a primeira no Brasil, segundo o documentário.

Nos anos de 1990 a Rede Globo já tinha quinze mil funcionários, fazendo com que ela tivesse o mesmo tamanho da BBC de Londres criada em 1936 pelo governo Britânico. Havia 5 estações e 63 afiliadas, seu sinal já chegava a cobrir 99,2% do território Nacional e atingia 99,9% dos aparelhos de TV em todo país. Tinha uma audiência de 78%, sendo 95% de produção no horário nobre, e arrecadava 75% do orçamento publicitário de mídia nacional.

Segundo Hartog (1993) a televisão é o único meio de comunicação a atingir o grande público. Por isso, em 1990, o governo federal, ministérios e empresas estatais foram os quatro maiores anunciantes. Mas os anúncios do governo eram intercalados por propagandas de artigos de alto luxo, sendo que a maioria dos brasileiros só podiam consumir imagens, apenas um terço da população podiam pagar pelos serviços e produtos “oferecidos” na televisão.

A Lei brasileira permite que a rede tenha apenas alguns canais, os outros são canais independentes filiados a uma rede. Para administrar uma rede de rádio ou de Tv, o proprietário necessitava naquela época de uma concessão do governo federal, que era dado pelo próprio Presidente da República. Segundo Armando Rollemberg presidente da União dos Jornalistas na época, em seu depoimento ao documentário, afirma que, o Presidente da República que tinha a exclusividade da concessão, cedeu estas para seus correligionários políticos, representantes do seu grupo político nos Estados e municípios, sem haver nenhum critério, a não ser o critério do favorecimento político.

A televisão na América Latina teve real início em setembro de 1950 com a TV Tupi do magnata Assis Chateaubriand. Em 1960 surgiu uma concorrente a Tv Excelsior. A TV Globo foi ao ar no Rio de Janeiro em 26 de abril de 1965, um ano após o Golpe Militar no Brasil. A primeira concessão de TV cedida à Roberto Marinho, foi cedida pelo então presidente Juscelino Kubitschek, em 1957, ao qual ele apoiava o governo, e a segunda concessão de João Goulart, sendo que este governante ele ajudou a depor. O Marco de transição da TV Globo para a REDE Globo foi a estreia do Jornal Nacional em 1969.

A única Tv que foi de encontro ao golpe de 1964, foi a Tv Excelsior, mas isso não ficou por menos, e em 1970 o regime militar cancelou a concessão da Tv. O principal meio de propaganda do regime era a TV, pagavam por algumas propagandas e outras decretavam que seriam grátis. A censura aumentava nesta época, e a Rede Globo ia além do que era requisitada, pois ainda reforçava a censura.

Em 1980, a TV Tupi entrou em processo de declínio financeiro, e teve sua concessão cancelada. A Editora Abril, a maior editora de revista do Brasil, lançou a revista VEJA em 1968, sendo que criticou por algumas vezes o golpe militar. Esta editora entrou com dois pedidos de concessão para implantar uma emissora de TV,

que foram negados pelo regime, e dados essas concessões à Revista Manchete e a Silvio Santos, pois estes certamente não incomodariam o regime, nascendo assim a TV Manchete e o SBT.

Com a chegada da nova constituição, a concessão para a TV não era mais de atribuição do presidente, mas antes da nova constituição entrar em vigor, o então presidente José Sarney lançou noventa novas concessões, incluindo duas concessões para si, sendo que as duas emissoras de propriedade dele são filiadas a Rede Globo. Segundo Armando Rollemberg, a grande parte da Televisão brasileira é comanda por partidários e apoiadores da ditadura militar, isso fez e faz abafar os setores que clamam pela a real democracia no país. Como salienta Zanetti 2009,

No entanto, em uma sociedade regida pelo capital, não são os “descapitalizados”, portanto, a classe trabalhadora, que têm seus interesses representados na grande imprensa. Ao contrário. Souza, por exemplo, chama a grande mídia de imprensa comercial-burguesa” e situa-a” (...) como um instrumento de controle político das elites, contrário aos interesses maiores do povo brasileiro” (ZANETTI apud SOUZA apud ABRAMO, p.239, 2009)

Diante do exposto, podemos perceber que a mídia no Brasil é partidária, e totalmente parcial, os requisitos da implantação da TV apoiada por regimes ditatórias, perduram até os dias atuais. Isso pode explicar o fato de porque a TV toma partido do Capital e dos Governos, se fazendo valer de sua visibilidade e poder para desarticular movimentos sociais, sindicais e tantos outros movimentos em prol da democracia real no nosso país.

3.2 A Rede Social da internet como possível mídia contra-hegemônica, uma nova possibilidade de instrumento comunicacional

Vale salientar que este escrito não tem a pretensão de objetivar a Rede Social da internet como a luz no fim do túnel para os movimentos sociais, sendo que este debate é novo, e passível de muitas considerações do que venha a ser a Rede

Social da internet como um instrumento contra-hegemônico nas lutas cotidianas dos movimentos sociais.

Para tal, é preciso compreender o que venham a serem as Redes Sociais da internet e estas inseridas nos movimentos sociais. Entretanto se faz necessário entender também o período histórico em que vivemos, nas múltiplas determinações que permeiam nossa sociedade e que influenciam diretamente nas ações e nas lutas dos movimentos sociais.

As Redes Sociais são um processo de construção histórica do homem desde os tempos mais “remotos”, sejam as redes de convivência ou as redes de informação. Cada vez mais, nós homens temos a necessidade de nos agruparmos em redes, dessa forma assumimos a identidade daquela rede. Mas o que seria esse processo de assumir uma identidade, Medeiros 2008 explicita que;

Para os “relacionistas”, a identidade não é uma elaboração resultante de fatores preestabelecidos e impositivos, mas uma construção elaborada no interior de contextos sociais que orientam representações e escolhas e determinariam posições dos indivíduos. Essa concepção dá à identidade um caráter relativo, dinâmico e que evolui no interior das trocas sociais, construção e reconstrução, processo de reelaboração permanente, resultado de constante negociação entre nós e os outros... (MEDEIROS, 2008, p.33)

Por este motivo podemos começar a entender o porquê as Redes Sociais são tão acessadas, por essa constante troca de informações, em procurar saber “quem é o outro” e quem “sou eu”, mesmo que seja no espaço virtual. Mas, apesar de ser um espaço virtual, não deixa de ser um espaço de socialização, de troca de informações, e de constante processo de construção e reconstrução de ideias.

Nesse espaço virtual os indivíduos se dispõem as socializações, as trocas de informações, ao lazer e a troca de experiências diversas. A cada dia torna-se um instrumento poderoso de informação, por ser um espaço “aberto” e com um número considerável de usuários. Esse poder é justamente por agregar em um único espaço, diversão, troca de experiências, relações interpessoais, e a disseminação rápida de informação, e sobre diversos ângulos de diversas maneiras.

A Rede Social está hoje, dentro de um espaço que é denominado de Ciberespaço.

O ciberespaço, por fim, também é visto como uma gigantesca e fantástica ferramenta de conhecimento, construída cotidianamente a partir de uma ação ao mesmo tempo individual de cada um de seus usuários e coletiva como resultado de uma ação articulada, mesmo que inconscientemente, desses usuários. O termo “árvore de conhecimentos” como uma imagem para designar esse aspecto do ciberespaço tem sido popularizado no meio acadêmico por Pierre Lévy e se presta ao que aqui se pretende referir. (LÉVY apud JUNGBLUT, 2008, p.131)

A Rede Social em si é anterior a criação da internet, no senso comum o termo Rede Social remete a utilização de um espaço virtual para relações interpessoais e para o entretenimento. Entretanto, Gohn (2010) afirma que o conceito de Rede já era utilizado pelas ciências humanas e biológicas desde os anos de 1920, já na Antropologia a ideia de Rede vem dos primórdios, com as Redes primárias e secundárias na classificação das relações entre os indivíduos. Já na geografia há muito tempo se fala nas redes urbanas nas cidades.

Gohn (2010) traz várias conceitos a luz de diversos autores do que venha a ser uma rede, existem diversas definições, pois assim como o conceito de movimento social, o de Rede também não é unívoco, mas existem consensos. Em uma das contribuições define a “rede como o conjunto das relações interpessoais concretas que vinculam indivíduos a outros indivíduos, num dado campo social – composto, por exemplo, por uma série de atividades, eventos, atitudes, registros orais e escritos etc” (GOHN *apud* BARNES, 1987).

Para a teórica a Rede Social⁴ passa a ter, na contemporaneidade, segundo vários pesquisadores, um papel até mais importante do que o movimento social. E que a rede é uma categoria muito utilizada, e com diferentes sentidos, caracterizando até em certo modismo. Ela se torna importante na análise das relações sociais de um território ou comunidade sociocultural e política existentes nessas relações.

Como já exposto, a organização por Rede não é de uso exclusivo das organizações civis, empresas, grandes corporações, governos e até a própria mídia se organiza por rede. A exemplo da emissora mais influente no Brasil, a Rede

⁴ Essa importância se dá pelo fato da Rede agregar conjuntos de movimentos sociais, esses conjuntos não significam a quebra das especificidades dos movimentos, e sim o fortalecimento da luta e da visibilidade.

Globo, que como já vimos, são várias emissoras que juntas formam um sistema de transmissão que atinge todo território nacional.

Talvez seja pelo fato acima, que as redes são tão importantes nos dias atuais, como salientou Gohn. Uma rede de movimentos sociais consegue uma maior visibilidade do que apenas um movimento isolado. Trabalhar em rede não significa unir pautas, ou mesclar movimentos, mas sim, seria um processo de ampliação da força política e da própria visibilidade desses movimentos. Como Salienta Mendonça (2009)

As possibilidades de luta social, atualmente, giram em torno de organizações, associações, cujos objetivos e alcance são mais localizados. Esse tipo de (re)organização ou de (re)configuração das lutas sociais vem colocando em cena novos atores sociais em substituição ao proletariado como o grande ator coletivo. E no lugar da luta política global surgem novas demandas setoriais, parciais, em que as conquistas simbólicas constituem um avanço talvez maior do que a satisfação de privações materiais. E os processos de mobilização passam a ser, frequentemente, organizados por meio das redes eletrônicas. Os exemplos das manifestações mundialmente organizadas que tiveram lugar em Seattle ou em Gênova são provas da capacidade de articulação dos movimentos contra-hegemônicos (MENDONÇA, 2009).

Na internet a Rede Social virtual começou dá seus primeiros passos em 2004, com a Criação do Orkut, uma rede social que reuni vários perfis de usuários, sendo que a maior interação entre esses aconteciam nas comunidades virtuais. Nessas eram possível criar tópicos de discussão, debate, tirar dúvidas, divulgar links, etc. Em seu auge aqui no Brasil entre 2007 há 2010, o Orkut conseguiu reunir vários conteúdos da internet em um único espaço.

Já em 2005, uma nova rede social virtual foi criada, o Twitter, esta rapidamente foi popularizada pelo mundo, ganhando notabilidade pela circulação muito rápida de informação. A Rede Social virtual, que só é possível compartilhar 140 caracteres, ficou tão popular, que hoje várias empresas, órgãos públicos, a própria grande mídia, se utiliza dessa rede para enviar informações. A grande marca dessa rede social é a possibilidade de milhões de pessoas receberem a mesma informação ao mesmo tempo, sendo possível acompanhar os assuntos mais comentados na rede.

Também em 2004, foi criado o que hoje é considerada a maior Rede Social virtual do mundo, o Facebook, hoje com um bilhão de usuários pelo mundo.

Entretanto essa rede social vem se popularizar no Brasil no final do ano de 2010. A característica dessa rede foi a condensação das funcionalidades das outras redes em uma só. A intensa troca de informação, e o encurtamento de fronteiras nas relações interpessoais de longa distancia, é um fator marcante dessa Rede Social.

Hoje existem inúmeras Redes Sociais virtuais, redes de compartilhamento de fotos, de vídeos e etc. As informações chegam a partir das interações entre perfis dos usuários nessas redes, e tomam proporções espantosas em poucos minutos. A Rede Social virtual se tornou o grande responsável, por exemplo, de criar celebridades instantâneas, justamente pelo rápido processo de compartilhamento da informação entre milhões de pessoas.

Quem se utiliza de uma Rede Social, pode perceber que, muitas informações chegam mais rápidas nos perfis criados na internet, do que nas nossas televisões. É possível que uma pessoa narre um acontecimento e poste isso na rede, por um aparelho celular. A exemplo de um caso noticiado pelos jornais da TV, de um garoto que narrou em tempo real na sua Rede Social Twitter, como os traficantes fugiam do morro, fato esse que ajudou a polícia a interceptar os bandidos.

Sendo que, pode-se notar outro fato, alguns temas são noticiados na televisão, após os assuntos terem tomados grandes proporções na rede. Esse fato mostra que a internet, não só com as Redes Sociais, tem muita força e a cada dia essa força aumenta com o crescimento do número de usuários, que apesar no Brasil ser lenta, vem numa crescente considerável de usuários na rede.

Entretanto é de considerar que, apesar da internet ser um “terreno democrático” de acesso e lançamento de informações, é preciso ter cuidado no manejo dessa ferramenta, principalmente quando o assunto é na possibilidade dessa se tornar um instrumento efetivo de mídia contra-hegemônica, ou de mídia popular.

A Rede Social virtual se constitui é um espaço público, espaço esse de livre trânsito de pessoas e inclusive de empresas, órgãos públicos etc. É possível deduzir ainda que, todos os espaços inclusive públicos, historicamente são tomados privilegiadamente pela classe Burguesa, esse fato não seria diferente com a rede social virtual.

Estes fatos nos leva a pensar que, a Rede Social é constituída por setores da sociedade que apoiam o grande capital, e que por ser um espaço público, os

embates entre classes podem ocorrer também nesse espaço virtual. O que nos faz pensar que, é preciso estratégias para tomar a rede social um instrumento de mídia que venha a ajudar nas lutas cotidianas.

É vulgar pensar que a Rede Social virtual é um terreno aberto, cheio de possibilidades fantásticas e é o instrumento perfeito para os movimentos sociais. De fato, a Rede Social é um instrumento “midiático” mais democrático do que a televisão por exemplo. Nela é possível travar debates diretos com quem formula a notícia, é possível tentar corrigir inverdades a cerca de fatos distorcidos, tudo isso de forma rápida e instantânea. Sendo que vale frisar, que a Televisão é um veículo fechado de difícil acesso, como salienta Mendonça (2009),

No que diz respeito à capacidade de colocar seus temas na agenda da grande mídia, a investigação, ainda que breve, identificou a dificuldade que as organizações do Terceiro Setor têm de “pautar” jornais e revistas. As exceções são as grandes ong’s, patrocinadas por grandes empresas ou fundações – como a ANDI, por exemplo, ou ong’s relacionadas aos direitos humanos que denunciam a violação desses direitos ou humanitárias, como a organização Médicos sem Fronteiras ou movimentos “pró-saúde” suportados por iniciativas de “responsabilidade social” de grandes empresas privadas que conseguem colocar, para um público maior, seu trabalho e suas conquistas, em especial quando sua clientela é formada por crianças ou idosos (MENDONÇA, 2009).

Entretanto, a estratégia de utilização desse espaço público virtual é um ponto preponderante para se pensar na divulgação das ações, das bandeiras de lutas e das correções de inverdades ou fatos acobertados sobre os movimentos sociais. Não se é interessante substituir as ações a exemplo das marchas, passeatas, manifestações dos espaços públicos concretos, pela pura panfletagem na rede social.

Esses espaços devem se complementar, de forma ao alcançar um status qualitativo positivo nas bandeiras de luta, a revolução via mouse⁵ ainda está longe de ocorrer, a pesar de que muitas manifestações via internet surtiram efeito. Entretanto, as manifestações de rua, e ações mais concretas, ainda se tornam indispensáveis na luta, na defasa das pautas e na própria manutenção do movimento social.

⁵ Dispositivo utilizado no controle das funções do computador

EXPERIÊNCIAS DA UTILIZAÇÃO DAS REDES SOCIAIS PELOS MOVIMENTOS SOCIAIS.

4.1 Percurso Metodológico

Por se tratar de um tema novo, e os debates estão começando a surgir a partir de várias vertentes e várias linhas de análise, se faz necessário traçar o percurso e a linearidade da discussão, para que os objetivos da mesma possam ser alcançados de forma mais madura possível. Aqui trataremos metodologicamente como será feita a seguir a análise sobre a possibilidade do uso das Redes Sociais da internet como possível mídia contra hegemônica.

Também se faz necessário aqui, compreender os mecanismos de pesquisa, para assim entendermos as escolhas dos instrumentos para a elaboração da análise, e formulação de algumas questões sobre o tema ao qual se propõe este escrito. De forma que usaremos de subsídios teóricos de autores que tratam de cada instrumento de pesquisa para o desenvolvimento do estudo.

Frisando que, traçar uma metodologia para pesquisa científica se faz de suma importância para o direcionamento da mesma, assim como servirá de um suporte básico para a elaboração desta. A natureza desta pesquisa é de cunho *qualitativo*, a partir de uma *pesquisa bibliográfica* minuciosa e uma *pesquisa documental* na internet, a partir de artigos, sites, dentre diversas mídias utilizadas na WEB.

Sobre a *pesquisa qualitativa*, Chizzotti (2008) nos faz refletir que esta tende a se opor ao pressuposto experimental que defende um único padrão de pesquisa. Em oposição a esta questão opta-se na pesquisa qualitativa pelo método clínico que é a descrição do homem em um dado momento, em uma dada cultura, e pelo método histórico – antropológico, que extrai aspectos específicos dos acontecimentos no contexto em que acontecem.

Para entendermos melhor o pressuposto acima, Chizzotti (2008) nos leva a outra reflexão. Entre as orientações filosóficas que orientam a *pesquisa qualitativa* estão a fenomenologia e a dialética. A fenomenologia tende a considerar que a imersão no cotidiano e a familiaridade com as coisas concretas, palpáveis, velam os

fenômenos. A dialética aposta na relação dinâmica entre o sujeito e o objeto, no processo de conhecimento, valorizando assim a contradição dinâmica do fato observado e a atividade criadora do sujeito que observa.

Segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 174) “a característica da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias. Estas podem ser feitas no momento em que o fato ou fenômeno ocorre, ou depois.” A pesquisa documental pode feita a partir de arquivos públicos, arquivos particulares ou fontes estáticas, estas que podem levantar várias informações, como: características da população; sexo, idade, escolaridade, ou meios de comunicação; rádio, televisão, internet, revista.

Já sobre a pesquisa bibliográfica Marconi e Lakatos (2003) salientam que, “a pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc...” e completa com o seguinte “Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas” (MARCONI E LAKATOS 2003, p. 57)

Desta forma, a partir desses métodos de pesquisa, foram elaboradas as devidas questões, e análise a fundo das Redes Sociais, mesmo que essa análise seja inicial. Os métodos de pesquisa são importantes para não cairmos em erros estruturais e assim comprometermos todo o percurso anterior de discussão. Essa delimitação sobre a forma de estudo é tratada nesta parte, a fim de não vulgarizarmos o estudo e o mesmo não ficar no campo da superficialidade.

De forma que, como já salientado, esse estudo começa a partir de uma experiência real, não só com o movimento social, mas também com as Redes Sociais, e parte para discussão teórica. Esse processo de amadurecimento do campo prático para a teorização fez emergir a projeção do que seria este escrito, da forma com que a análise do mesmo fosse o início de uma possível instrumentalização dos movimentos sociais com um instrumento de mídia contra-hegemônico. Isso não quer dizer que a pretensão desta análise, seja virar um manual básico de utilização das redes sociais, mas sim o início de um processo de

teorização madura para que ocorra a instrumentalização a partir das redes, se assim for possível. Pois, como salienta Zanetti, 2009

Paralelamente, os movimentos sociais comprometidos com a transformação social parecem cada vez mais convencidos, do que aponta o Núcleo Piratininga de Comunicação: “sem comunicação não há possibilidade de os setores populares lutarem pela hegemonia da sociedade” (apud Ruiz, 2005, p.8). Não dispondo de espaço nos meios de comunicação de massa, estes setores vêm criando formas diferenciadas de elaborar e difundir as notícias, fazendo-as circular de maneira alternativa (ZANETTI, p.239, 2009).

Por este motivo, é preciso um estudo minucioso e aprofundado, para qual seria uma mídia alternativa eficaz e acessível. E este percurso metodológico, tem como objetivo apresentar possibilidades, verificar os desafios e elucidar perspectivas para um novo instrumento comunicacional, que aqui propomos a Rede Social, não o categorizando, mas trazê-lo para o debate para a possível instrumentalização dos Movimentos Sociais.

4.2 Democratização da informação a partir da Rede Social

Para falarmos de democracia de informação, é preciso falar na democracia de acesso. Entretanto, de fato, apesar de todo o processo recente de democratização da internet, e também dos incentivos fiscais para compra de produtos eletroeletrônico para a utilização da web, a comunicação via www (World Wide Web) ainda é uma realidade distante de muitos brasileiros. E para alguns movimentos sociais o acesso se torna mais complicado quando esses são transitórios no território nacional. Entretanto, Zanetti (2009) salienta que,

Nesse bojo, a internet tem sido considerada por autores como Comparato e Ruiz como um meio de comunicação dos mais democráticos. Segundo Comparato: Desse esquema avassaladoramente oligárquico só escapa a internet, em razão de sua estrutura atomística. Compreende-se, assim, por que essa via democrática de comunicação tenha sido o veículo bem-sucedido de mobilização do povo...” (ZANETTI apud COMPARATO, p.249, 2009)

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas - IBGE no senso realizado em 2005, apontou que 16.064,673 milhões de brasileiros com 10 anos ou mais possuem internet em casa, sendo 8.377,146 milhões de pessoas com acesso a internet discada⁶, 6.616,264 milhões de pessoas com acesso a banda larga⁷, 1.069,472 milhões de pessoas com ambos os tipos de internet. Mas, segundo o próprio IBGE esse número aumentou 75,3% em três anos, chegando em 2008 com 56 milhões de brasileiros com acesso a internet, representando um número de 34,8%da população⁸.

Os dados de 2008⁹ do IBGE apresentados por uma matéria no site UOL, ainda revelou outros indicadores sobre o acesso a internet no Brasil. Do total de pessoas com acesso a internet 40,3% está na região Sudeste, seguido da região Centro-oeste com 39,4%, Sul com 38,7%, Norte 27,5% e a região Nordeste com 25,1%. Sendo que dos 104,7 milhões de brasileiros sem acesso a internet 32,8% se diz não atraída por essa tecnologia, 31,6% não têm acesso por falta de conhecimento, e 30% não utilizam a WEB por não ter oportunidade de acesso.

É possível perceber que, se a internet convencional ainda não é uma realidade para grande parcela da população brasileira isso se torna ainda mais difícil com a internet móvel, esta que é mais cara devido ao tipo de tecnologia usada. Mas é possível perceber a partir dos dados estatísticos que o acesso vem se popularizando, apesar de ainda estarmos um pouco distantes da democracia de acesso, compreendendo essa democracia como um acesso com equidade entre as classes sociais.

Apesar da internet nos dias atuais ainda não ser uma ferramenta altamente popular, mesmo com o crescente número de acessos, buscarei aqui mostrar diversas experiências de movimentos que utilizam as Redes Sociais, e a partir daí chegar à proposição de que esse tipo de mídia tem um potencial a ser uma ferramenta contra hegemônica eficaz no futuro. Como salienta Mendonça (2009),

Como alternativa, despontam as redes digitais, a Internet. Devido ao fato de ser de fácil e teoricamente irrestrito acesso, de modo a

⁶ Internet de baixa velocidade via linha telefônica.

⁷ Internet de alta velocidade.

⁸ Dado do PNAD 2008 divulgados pelo IBGE

⁹ Não foram encontrados dados no censo 2010 com detalhamento igual ao de 2008.

permitir a circulação sem barreiras de todo tipo de informações, converte-se numa expectativa de tornar-se um espaço alternativo de circulação de opiniões como contraponto à grande mídia. No entanto, convém receber esta ideia com um misto de entusiasmo e cautela, pois algumas reservas devem ser feitas (MENDONÇA, 2009).

Esta cautela se dá pelo fato que, as camadas populares ainda não estão instrumentalizadas com este tipo mídia, e quando ocorre o acesso, ainda é de forma a utilizar a rede social em sua essência, ou seja, como forma de distração e conhecer novas pessoas. Basta navegar algumas horas nas Redes Sociais, que é perceptível, grande parte do conteúdo que é produzido na Rede, ainda é mais no nível de entretenimento, diversão, passa tempo com jogos interativos na própria Rede. E isso, Mendonça (2009) chama atenção para o seguinte,

Parece ser ainda muito pouco exploradas algumas das características principais das redes, como a flexibilidade, a pouca ou nenhuma hierarquia, a participação voluntária em torno de objetivos ou temáticas comuns podem conduzir a uma percepção de casualidade ou contingência, mas na verdade as redes podem ser estimuladas, monitoradas, avaliadas e se configuram como um importante recurso de mobilização. Por meio da rede transitam fluxos de informação que possibilitam a interação e a cooperação, capazes de alimentar a produção e a difusão de conhecimento, ampliando a capacidade de comunicação e intercâmbio de experiências entre as diferentes organizações, nos diversos estágios de desenvolvimento (MENDONÇA, 2009).

Existe uma ambiguidade na questão democrática das Redes Sociais, se ainda de fato estas não atingiram em cheio as camadas populares, o acesso em si, teoricamente, é mais democrático do que a grande mídia. Pois o problema do acesso das Redes Sociais não está nelas, e sim na falta de instrumentos para acessá-las. É o caso contrário que acontece com a Televisão, por exemplo, grande parte da população tem o instrumento para assistir os canais, que é o aparelho televisor, mas não tem o acesso para produzir conteúdos nesse meio de comunicação, que historicamente está nas mãos da grande burguesia. Como salienta Zanetti (2009),

No entanto, faz-se necessário avançar ainda mais, visto que, se a produção do conteúdo e sua publicização na internet acontecem de forma democrática, o mesmo não se confirma quanto ao acesso a esta, muito aquém da abrangência das grandes emissoras de televisão e rádio ou dos grandes jornais. Ou, ainda que pensemos na

ampliação do acesso à internet através das *lan houses*, por exemplo, os interesses de quem a acessa são os mais distintos, e ainda: têm muito mais a ver com o acesso a jogos e aos “grandes” *sites*, como *O Globo*, “*Yahoo*”, *Folha de S.Paulo*, que cumprem a função de “mídia hegemônica” na internet, configurando-se como “sites hegemônicos”, que em nada desviam do “pensamento único” (ZANETTI, p.249, 2009).

Retornando a questão dos acessos, mas especificamente tratando de acessos nas Redes Sociais, os números são bastante animadores, devido à ascensão rápida nesse tipo de mídia. Segundo o Tecnomundo¹⁰, em menos de um ano e seis meses, a Rede Social Facebook, aumentou o número de usuários em 40 milhões. Em outro artigo no mesmo site, consta que hoje no Brasil a Rede conta com 61 milhões de contas de usuários, representando 1/3 da população, que consta segundo o IBGE com 193 milhões de pessoas, tendo o maior número de perfis na América Latina e o segundo maior no mundo, perdendo apenas para os EUA. Sendo que no mundo toda a Rede conta com 1 bilhão de perfis.

Com menos número de perfis, mas tão popular quanto o Facebook aqui no Brasil, o Twitter se tornou famoso no país, pelo seu alto poder de troca de informações rápidas com amigos, e até desconhecidos. Segundo o Tecnomundo, a Rede Social hoje conta com um pouco mais de 33 milhões de perfis no Brasil, também sendo o segundo país a ter o maior número de contas, perdendo mais uma vez para os EUA, que conta com 110 milhões de perfis aproximadamente. Entretanto, os brasileiros são os mais ativos no Facebook, e quanto no Twitter é o décimo segundo. Ainda de acordo com o site, a medição de ativismo dos usuários em cada país, é medida de acordo com a quantidade de informação que é produzida pelos usuários, sendo que essa produção de conteúdo está relacionada a interação desses usuários com a rede.

Sendo assim, foi utilizado um critério semelhante para analisar o uso das Redes Sociais pelos Movimentos Sociais, a partir do número de adeptos nos perfis de dois movimentos nas duas Redes acima analisadas. O critério de escolhas dessas Redes, é que estas são as mais populares hoje no Brasil, que conta com diversas outras Redes de interação. Já o critério de escolha dos Movimentos Sociais, é que esses também são populares, no sentido de visibilidade, e estão

¹⁰ Site do Portal Terra sobre inovações tecnológicas.

frequentemente na mídia hegemônica, logo estão mais suscetíveis a terem suas informações e ações distorcidas.

Existem mecanismos de acesso para os perfis de tais Redes. No Facebook existem os perfis e as páginas, nos perfis a interação ocorre com o pedido de amizade, no momento que os perfis se tornam amigos, é possível que ambos troquem informações entre si, e com outros amigos. Nas páginas, um usuário que tem um perfil, tem acesso ao conteúdo dessa página, a partir do momento que ele “curti” essa página, esse botão serve como interligação do perfil com a página. Já o Twitter, para um perfil ter acesso às informações de outro perfil, basta “seguir”, é um dispositivo de acesso as informações do perfil ao qual se deseja, e para que outro perfil tenha acesso as suas informações, é necessário que esse perfil lhe “siga”.

O Movimento dos Sem Terra – MST possui em sua página do Facebook, 10.934(mil) assinantes, ou seja, usuários que “curtiram” a página para obter informações sobre o Movimento Social, é um número ainda tímido perto dos 61 milhões de usuários. Mas trata-se de um número considerável, se colocarmos em níveis proporcionais com outras páginas famosas, a exemplo da página do G1, o portal de notícias da Rede Globo, que conta com um pouco mais de 113mil assinantes. Vale salientar, que o Facebook conta com o sistema de compartilhamento de postagens, ou seja, muitos conteúdos não ficam restritos a essas dez mil pessoas.

Já no Twitter, o perfil no MST conta com 31.179(mil) seguidores, além de ter mais adeptos do que no Facebook, é proporcionalmente mais popular também, pelo número de usuários de ambas as redes, como já vimos, o Twitter conta com apenas um pouco mais da metade do que no Facebook. Entretanto no quebra braço da informação, o MST no Facebook é mais forte, também em níveis proporcionais, pois no Twitter o portal G1 obtém mais de um milhão de seguidores. Entretanto vale salientar que os números dos perfis do MST são consideráveis, se tratado de um movimento que passa por constante criminalização da grande mídia.

Podemos analisar nesse processo de utilização da Rede Social como mídia alternativa, os movimentos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros – LGBTTT. Esses utilizam a Rede Social de forma fragmentada, não que isto venha a afirmar que a luta do movimento seja fragmentada, mas a organização do movimento na utilização se dá por Estados, ou até mesmo por siglas

distintas. Sendo que é possível encontrar movimentos LGBT's que unitizam a Rede, em diversos países.

Um desses movimentos é o Grupo Gay da Bahia, que conta com dois perfis no Facebook, um contendo 5078(mil) membros e outro com 97, dois perfis, pois o limite de amigos para cada perfil é de 5mil, sendo esse número não exato, podendo adicionar um pouco mais. No perfil do GGB é possível analisar a bandeira de luta do movimento e seus objetivos, bem como suas ações no cotidiano. Não foi encontrado perfil no Twitter.

O Grupo Arco Iris, apesar de ser uma Organização não governamental, é uma entidade que luta contra preconceitos de orientação e/ou expressão sexual e de identidade de gênero. Conta com duas páginas no Facebook, apesar das páginas não serem iguais aos perfis, pois não tem limites para o número de membros, pois as páginas são para produção de conteúdo coletivo, e os perfis são mais para uso pessoal. As duas páginas, contem 6917(mil) assinantes em uma e a outra 4462(mil) assinantes, entretanto o número total das duas páginas é relativo, pois um mesmo usuário pode "curtir" as duas páginas, ou seja, assinar ambas. Já no Twitter, a expressividade do grupo é baixa, o perfil encontrado contém um pouco mais de 400 seguidores.

Diante do exposto, podemos perceber que as Redes Sociais vêm despontando na possibilidade de ser uma mídia democrática, e um possível instrumento de suporte à luta diária dos movimentos sociais. Existem hoje na Rede, vários perfis de movimentos sociais, principalmente na América Latina. Essa possibilidade fica mais evidente quando os números apontam o crescimento no acesso à internet no Brasil e a utilização das Redes Sociais, mas como já salientado nesse escrito, é preciso teoriza-la mais, verificar possibilidades concretas para que essa mídia alternativa se torne contra hegemônica, por isso que aqui foram apresentadas algumas teorizações para tal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises aqui apresentadas, no final desse escrito, são a partir do quesito acesso, pois é a partir deste que à Rede Social começa a obter possibilidades de transformação de um instrumento que inicialmente serve como entretenimento, para se tornar uma mídia alternativa contra-hegemônica. O não debruçar sobre os conteúdos produzidos pelos Movimentos Sociais nas Redes Sociais, se dá pelo fato que ainda é necessário uma popularização desse tipo de mídia, e a tomada pela classe popular da mesma, pois aí sim partiremos para a análise de conteúdo, e se este contempla o clamor popular. Este é um desafio para possíveis outros escritos.

No primeiro capítulo foi necessário remontar a emergência da 'questão social', pois esta se constitui no fator principal do surgimento das expressões de exploração do sistema capitalista e suas mazelas. E é a partir daí que podemos montar a história do surgimento dos movimentos sociais e suas bandeiras de luta. E essa análise sobre a 'questão social' se fez necessária para o entendimento do terreno de luta dos movimentos sociais, para um debate maduro, e uma análise coesa a partir do tema proposto.

Já na segunda parte da análise teórica, ou seja, no segundo capítulo, se fez necessário historicizar a mídia brasileira, como se deu a construção da mesma e quais foram os elementos que ajudaram a emergência dessa. Esse debate é crucial para entendermos como se deu o processo de hegemonia da grande mídia, e qual o projeto defendido por esse setor, essa montagem histórica se constitui como um aporte teórico para se pensar como se deve projetar a mídia alternativa, quais são as possíveis direções para à contra-hegemonia a partir de um novo meio midiático.

E o último capítulo, sobre a utilização das Redes Sociais como mídia alternativa, se fez necessário para que possamos visualizar as potencialidades, os limites, as possibilidades e os desafios na construção da contra-hegemonia a partir de um meio mais democrático, entretanto um meio novo. E a partir da já utilização desse novo tipo de mídia pelos movimentos sociais que possibilitou o levantamento de algumas questões centrais para o amadurecimento do debate.

A questão central que fica, é que é necessário à instrumentalização das camadas populares nesse tipo de mídia, como observamos nas análises anteriores,

o problema não está na Rede Social, pois esta se dispõe teoricamente a ser democrática em seu acesso, entretanto faltam os meios de acesso às Redes, como os dispositivos de acesso a internet, bem como a própria internet.

Outra questão que fica é o tensionamento do debate quanto à utilização da Rede Social como mídia alternativa contra-hegemônica, pois seria um equívoco achar que resolvendo a questão do acesso, logo esse tipo de mídia seria a solução imediata dos Movimentos Sociais. Pois na Rede Social, os embates acontecem, por ser um espaço público, e por nela conter setores conservadores da sociedade, como por exemplo a própria mídia hegemônica.

Nesse papel de tensionar o debate junto aos movimentos sociais, podem entrar profissionais no suporte da questão, a exemplo os assistentes sociais, que já possuem uma íntima relação com Movimentos Sociais, pois em seu Projeto Ético-político, visa à transformação para uma nova ordem societária, como bem salienta Arrais 2009.

A relação do profissional de Serviço Social com o processo de socialização de informações não é uma relação desprovida de fundamentos teóricos; está antes assentada nos princípios do seu Código de Ética, quanto preconiza a defesa intransigente dos direitos humanos, a ampliação e consolidação da cidadania, a defesa do aprofundamento da democracia, dentre outros (ARRAIS, p.349, 2009).

A pretensão de colocar o assistente social na história é trazer de forma mais profunda o debate da importância dos meios mediáticos à garantia de direitos, e fomentar um debate novo no seio da profissão. Não é interesse desse escrito em seu trecho final, discutir essa questão profundamente, mas sim dá o passo inicial para que o debate comece, e se intensifique daqui por diante. Podendo lançar uma gama de questões, como a exemplo, será que a Rede Social poderá se constituir em um novo instrumental técnico-operativo para o Serviço Social?

Nessa linha de raciocínio, corroboramos com o pensamento Ruiz (2009) que trata a comunicação como direito humano, como o mesmo afirma, “Na era da informação, o acesso e o direito à comunicação em rede aparecem como a nova liberdade de expressão e cidadania” (RUIZ, p.95, 2009). E a mídia alternativa, se constitui na consolidação desse direito, quando se não é possível a chegada à grande mídia.

Esse uso pelo Serviço Social, como já salientado, seria para um fortalecimento do projeto ético-político, como salienta Marcelo Braz (2009),

Dessa maneira, a Política de Comunicação buscaria, de modo mais sistemático, externar para os profissionais e para a sociedade os posicionamentos (ético-políticos) que orientam os rumos da profissão no país. *Tal publicação assinalaria, de maneira explícita, o vínculo do projeto profissional com o projeto societário de transformação da sociedade*, tal como está presente no Código de Ética. (BRAZ, p.384, 2009)

Fica-se claro que é necessária a instrumentalização dos Movimentos Sociais e das camadas populares para a utilização da Rede Social para que esta possa se tornar uma possível mídia alternativa contra-hegemônica, bem como se faz necessária a efetivação e divulgação do projeto ético-político do Serviço Social. Desta forma fica o desafio para os assistentes sociais de debater esse tipo de mídia, apropriar-se dela, para que os profissionais sejam agentes instrumentalizadores dos movimentos sociais e das classes populares. Como Salienta Miome (2009),

Para tanto, é preciso imbuir-se e estar convicto da importância de tais instrumentos e lentes contemporâneas; é preciso formação profissional e reconhecimento da necessidade de interpelar ética e politicamente as produções jornalísticas e culturais concorrentes à nossa esfera de atuação, qual seja, as políticas sociais e os direitos dos usuários. Os princípios éticos do Serviço Social podem hoje contribuir para a delimitação de um projeto de intercâmbio, disputa de representações, formação continuada e proposição de parâmetros aos *media*, sempre na companhia dos movimentos sociais e suas demandas específicas. (SALES, p.76, 2009)

Por fim, gostaríamos de frisar a pretensão deste trabalho, não tratamos aqui de categorizações, e nem engessamento do debate, trata-se no lançamento de possibilidades concretas. Como podemos perceber essas possibilidades, ainda são carentes de teorização e aprofundamento de estudos, este debate não se encerra nessas considerações finais, ao qual preferimos que seja chamada de considerações preliminares, aqui é o fim das questões propostas por este estudo, mas é o início do debate.

REFERÊNCIAS

- BUSETTO, Áureo. **Em busca da caixa mágica: O Estado Novo e a televisão.** Rev. Bras. Hist. [online]. 2007, vol.27, n.54, pp. 177-196
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 9.ed. São Paulo: Cortez, 2008, p. 77-87
- DOWNING, J. D. H. **Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais.** São Paulo: SENAC, 2002.
- GOHN, M. G. Revista Brasileira de Educação. **Movimentos sociais na contemporaneidade.** Rio de Janeiro, v.16, n.47, p.333-512, 2011. Disponível em: <www.scielo.com> Acesso em: 20/12/2012
- GOHN, M. G. **Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo.** Petrópolis: Vozes, 2010.
- GOHN, M. G (org). **Movimentos Sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais.** 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2003
- GOHN, M. G. **Movimentos sociais na atualidade: manifestações e categorias analíticas.** In:_____ 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2003
- GOSS, Karine Pereira & PRUDENCIO, Kelly. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. **O conceito de movimentos sociais revisitado.** Santa Catarina v.2, n.1, p. 75-91, 2004. Disponível em <www.emtese.ufsc.br>Acesso em: 20/12/2012.
- GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura.** 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- GRUPPI, Luciano. **O conceito de hegemonia em Gramsci.** 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1991.
- HARTOG, Simon. **Muito Além do Cidadão Kane.** 1993, BBC Londres. 1 vídeo (avi) (90 min).
- IAMAMOTO, M. V; CARVALHO, R. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica.** 24. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- IAMAMOTO, M. V. **Serviço Social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social.** 2ªed. São Paulo: Cortez, 2008.
- JUNGBLUT, Airton Luiz. O Ciberespaço, suas lógicas e alguns exercícios identitários entre os brasileiros na internet. In: MEDEIROS, João Luiz. **Identidades em Movimento.** Nação, Cyberespaço, Ambientalismo e Religião no Brasil Contemporâneo. Porto Alegre: Sulina, 2008, p122-148.

LOPES, D. F. Uma história marcada por censura e resistência. **Observatório da Imprensa**. Ano 17 - nº 722. ISSN 1519-7670.

MARCONI, M. A. & LAKATOS, E.M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003

MEDEIROS, João Luiz (org). **Identidades em Movimento**. Nação, Cyberespaço, Ambientalismo e Religião no Brasil Contemporâneo. Porto Alegre: Sulina, 2008.

MEDEIROS, João Luiz. **Elementos para a construção de identidades**. In:_____ Porto Alegre: Sulina, 2008, p27-62.

MENDONÇA. M. L. M. **Redes digitais e movimentos sociais: perspectivas**, Revista TEXTOS de la CiberSociedad, 13. Temática Variada. Disponível em: <http://www.cibersociedad.net>

NETO, J. P. **Capitalismo Monopolista e Serviço Social**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SALES, M. A. & RUIZ, J. L. S. (Orgs.) **Mídia, Questão Social e Serviço Social**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BRAZ, Marcelo. **Serviço Social, comunicação e projeto ético-político**. In:_____ São Paulo: Cortez, 2009, p375-390.

CORREIA, Claudia. **Desafios da comunicação para o Serviço Social**. In:_____ São Paulo: Cortez, 2009, p358-374.

SALES, M. A. **Mídia e questão Social: o direito à informação como ética da resistência**. In:_____ São Paulo: Cortez, 2009, p33-81.

RUIZ, J. L. S. **Comunicação como direito humano**. In:_____ São Paulo: Cortez, 2009, p82-104.

ZANETTI, Moara. **Mídia e disputa de hegemonia: uma análise da cobertura da ação do MST na Aracruz Celulose/RS**. In:_____ São Paulo: Cortez, 2009, p235-260.

VARGAS, R. C. Do Nascimento aos anos de chumbo. **Observatório da Imprensa**. Ano 17 - nº 722. ISSN 1519-7670.

RENDEDE, Lino Geraldo. **Intelectuais orgânicos e contra-hegemonia**, Revista Ágora, Vitória, n.4, 2006, p. 1-17.

Páginas Eletrônicas

<http://www.facebook.com/MovimentoSemTerra>

<http://www.facebook.com/grupoarcoiris.lotado>

<http://www.facebook.com/grupogaybahia.ggb?fref=ts>

http://twitter.com/MST_Oficial

<http://twitter.com>

<http://www.ibge.gov.br>

<http://www.tecmundo.com.br/facebook/32552-facebook-brasil-apresenta-recorde-de-crescimento-no-uso-da-rede-social.htm>

<http://www.tecmundo.com.br/twitter/18849-brasil-e-o-segundo-pais-com-mais-usuarios-no-twitter.htm>

<http://www.tecmundo.com.br/facebook/31967-brasil-chega-aos-61-milhoes-de-usuarios-no-facebook-e-e-o-pais-que-mais-interage-na-rede-social.htm>